

# “Tenho uma ligação muito forte com o Brasil”

## ANA LUÍSA AMARAL

Escritora portuguesa

### GABRIELE DUARTE

gabriele.duarte@diariocatarinense.com.br

*Bastou ouvir pela primeira vez a palavra outrora, aos cinco anos de idade, para que a escritora portuguesa Ana Luísa Amaral, 60 anos, dar os primeiros passos como poetisa. Quando ainda vivia em frente à antiga residência de Fernando Pessoa, em Lisboa (Portugal), a moradora de Leça da Palmeira pediu então à mãe para que escrevesse em uma folha de papel cinco versinhos sobre o outono. Autora de 16 obras líricas, oito infantis, uma que mistura teatro e poesia, sete traduções – inclusive dos poemas de Emily Dickinson –, a pesquisadora feminista aposentada pela Faculdade de Letras do Porto lança no fim do mês, em Florianópolis, o romance Ara, inédito no Brasil. Amanhã ocorre na Universidade Federal de Santa Catarina uma aula aberta com Ana Luísa sobre linguagem e estudos de gênero. Já na quarta haverá o curso Gênero, sexo e sexualidades: diálogos poéticos e políticos em devir. No dia 30, será a vez do evento Interloquções, incluindo diálogos com a autora e o lançamento de Ara. As atividades, gratuitas e abertas ao público, são promovidas pelo Núcleo Literatual, da UFSC, e pelo Instituto de Estudos de Gênero.*

*Entre um café coado brasileiro e um expresso português, a autora, que visita Santa Catarina pela primeira vez, recebeu a reportagem do Diário Catarinense para uma entrevista sobre literatura, diversidade sexual, feminismo e política. Confira:*



Pesquisadora feminista e poetisa portuguesa está em Florianópolis nesta semana para participar de eventos acadêmicos e lançar o primeiro romance, Ara

### Ara é seu primeiro romance. Como foi o processo criativo dessa prosa?

Estranho. É como se fosse um livro em fragmentos. Chamaram mesmo de capítulos e eu fiquei muito contente. De alguma maneira, ele teve o estatuto que eu lhe quis dar, que é o do romance. O livro tem de alguma forma uma dimensão biográfica. Até porque toda a literatura é biográfica no sentido da experiência de escrever a vida. Quer dizer, a literatura está sempre escrita no tempo. Atravessando tempos.

### Ara é sobre o amor entre duas mulheres casadas no Japão. Como é retratar esse tema?

A questão das diferenças todas existiu sempre na minha poesia. Desde o meu primeiro livro. Mesmo nos infantis. No caso de Ara, escrevo por causa de uma dimensão política. Quando digo no fim do livro que vergonha é não amar, tem a ver com questões de ordem político-sexual. Porque o livro trata de uma sexualidade não dominante. Quando as pessoas se coíbem de amar, ou que não podem, isso tem a ver com o

formato em que se encontram. O formato que é delimitado pelo social e que por sua vez faz parte de um discurso dominante. Aqui no Brasil as coisas estão bastante mais avançadas. Essa questão nunca foi levantada ao longo da literatura portuguesa.

### Qual é a relação que a senhora tem com Brasil?

Tenho uma ligação muito forte. Eu sinto muito mais afinidade com um brasileiro ou brasileira do que com um sueco ou um alemão. A maneira de ser, a forma de estar, de

ver o mundo tem muito mais a ver comigo. Nós, embora com todas as diferenças lexicais que temos, partilhamos uma língua. E eu acho que uma língua é uma identidade. É a ferramenta mais importante de partilha. Nos anos 40, minha mãe lia Jorge Amado e nunca teve dificuldades. A história do Acordo Ortográfico é um disparate. Uma perda de tempo, uma coisa ociosa e ridícula. Porque o português de Portugal, do Brasil, de Angola e de Moçambique são formas várias de português. O meu português não é melhor que o seu, nem o seu é melhor que o meu. É maravilhoso que haja várias formas de português.

### Como é estar aqui durante um momento tão turbulento em relação à política?

Corta-me o coração. Todas as pessoas com quem eu tenho falado são contra o que está ocorrendo. É inacreditável que Portugal esteja em silêncio. Os governos da Europa, pelo menos aqueles que se dizem democráticos, deviam mandar uma censura àquilo que ocorre. É um desrespeito profundo e um insulto à própria ideia de democracia e liberdade. Um deputado não pode dizer a uma mulher que ela é tão feia que nem estuprada merece ser e não lhe acontece nada – sobre a fala do deputado federal Jair Bolsonaro à deputada Maria do Rosário.

### Debates sobre a questão de gênero têm aumentado no Brasil. Feministas garantem que o afastamento da presidente Dilma Rousseff esteja diretamente ligado ao machismo. Qual é a sua análise?

Há todo um discurso que eu não tenho dúvidas que é machista, sexista e que depois se estende naturalmente ao xenófobo, homofóbico, racista e todas as formas de discriminação. É significativo que esse novo

governo (Temer) tenha se constituído só com homens brancos e ricos. E as mulheres? Tem muito a ver com o funcionamento da sociedade, que ainda é extremamente patriarcal. O sexo de Dilma, o fato de ela ser mulher, contribuiu para toda essa animosidade. Até uns três anos atrás, eu achava que havia conquistas irreversíveis. E hoje, para minha grande tristeza, chego à conclusão de que não é verdade. Porque são milênios de um discurso sexista.

### A campanha #LeiaMulheres quer incentivar a produção e o consumo de autoras femininas no Brasil. As mulheres ainda têm dificuldade de colocar-se no mercado editorial?

Falando sobre a minha experiência, posso dizer que não tive dificuldades. Mas elas existem. A maior editora da França, por exemplo, não publica poesia de autoras mulheres. Nas premiações, também há resistência. Poucas chegam até lá. E isso vem de antes, de a mulher achar que o que ela escreve não é bom. De ter insegurança. Isso precisa ser mudado. Nós precisamos ser estimuladas.